

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

87, Rua do Norte, 103

EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Joseph Dupont — Os tangedores da capella Real — Os organistas Solorzanos — Carta aberta ao Ex.^{mo} Dr. Esteves Lisboa (conclusão) — Concertos — Colyseu dos Recreios — D. Luisa da Motta Cardoso — O Realismo Musical — Noticiario — Bibliographia.

No goso d'este premio viajou por França, Italia e Allemanha, tornando-se depois chefe d'orchestra no theatro italiano de Varsovia (1867-1870), logar que abandonou para passar na mesma qualidade para o theatro imperial de Moscow (1871).

JOSEPH DUPONT

Um dos mais considerados mestres que hoje dirigem a notavel escola belga, é o compositor e chefe d'orchestra Joseph Dupont, professor, desde 1872, de harmonia escripta no Conservatorio de Bruxellas.

Irmão de outro mestre estimado e já fallecido — Auguste Dupont — nasceu em Ensisval (provincia de Liège) a 3 de janeiro de 1838, recebendo de seu pae, distincto violoncellista, organista e compositor, as primeiras lições de musica.

Foi depois admittido no Conservatorio de Liège, onde estudou violino e composição, terminando depois os seus estudos no Conservatorio de Bruxellas, onde obteve o primeiro premio de violino em 1862 e o grande premio de Roma em 1863.

Voltoando ao seu paiz foi nomeado professor de harmonia no Conservatorio de

Bruxellas, e pela mesma epoca recebeu o encargo de dirigir a orchestra do theatro da *Monnaie* e da Associação dos Artistas Musicos. O bom desempenho d'estes dois logares fez com que o escolhessem, em 1873, como director dos Concertos populares de musica classica, em substituição do insigne violinista Henri Vieuxtemps.

Joseph Dupont tem escripto numerosas obras: aberturas, *suites* para orchestra, fra-

gmentos symphonicos, cantatas, trechos de musica religiosa, melodias para canto, etc.

Joseph Dupont gosa de uma grande popularidade em Bruxellas.

Por occasião de ser festejado o XXV anniversario do Concertos populares, foi elle



objecto das mais entusiasticas ovações ; o publico belga vê n'este illustre musico uma das suas glórias nacionaes e como tal lhe tributa todas as homenagens quando se offerece occasião de testemunhar os seus sentimentos patrioticos.



Os tangedores da capella real

(Continuação)

XIV — ESTACIO DE LACERNA

Filho de Alexandre de Lacerna natural de Sevilha. Era tangedor de tecla na capella real.

Em 1595 lhe deu D. Fillipe I vinte mil reaes de tença e no anno seguinte outra de tres moios de trigo.

XV — SEBASTIÃO MUGO VERDIZ

Filho de Sebastião Martins e natural de Madrid D. Filipe I o tomou por tangedor de tecla da capella real com a tença de 60 mil reaes e tres moios de trigo. Alvará de 5 de abril de 1596 e carta de 30 de março do mesmo anno.

XVI — MANOEL RODRIGUES CORDEIRO

Era capellão e tangedor de tecla da capella real. Tendo servido n'ella 30 annos continuos e achando-se muito velho, não podendo acudir aos deveres do seu cargo, foi aposentado com cem mil reaes de pensão. Alvará de 13 de outubro de 1633.

Inclino-me a crêr que este Manuel Rodrigues Coelho é o Manoel Rodrigues, a quem Filipe 3.º (2.º de Portugal) fez mercê de vinte mil reaes, como capellão e tangedor dos orgãos de sua capella, em carta de 10 de juiho de 1603.

XVII — DIOGO D'ALVARADO

Biscainho, tangedor dos orgãos da capella real. D. Filipe 2.º lhe fez mercê, a 13 de abril de 1602, de 30 mil reaes de tença em cada anno, e a treze de junho do mesmo anno de tres moios de trigo.

Alvarado chegou a alcançar os primeiros annos do reinado de D. João IV, pois este monarcha, em 6 de março de 1643, fazia mercê á sua viuva, Maria da Costa, de 2 moios de trigo dos 3 de tença que elle tinha. O terceiro restante foi concedido a seu sobrinho Pero d'Alvarado, moço de musica da capella real.

Alvarado falleceu effectivamente em 1643,

segundo reza o epitaphio da sua sepultura na antiga igreja dos Martyres, o qual dizia assim:

Sepultura de Diogo de Alvarado, tangedor de tecla da capella real 43 annos e de sua mulher, o qual falleceu em 12 de fevereiro de 1643.

Alyarado tem o seu nome inscripto no *Index* da livraria de musica de D. João IV, como auctor de um motete.

Veja-se o artigo que lhe consagrou o sr. Ernesto Vieira no seu *Diccionario*.

XVIII — JOSÉ DE CABREDO

Era capellão e tangedor de orgão da capella real. D. João IV, em satisfação aos seus serviços, lhe fez mercê, em carta de 6 de maio de 1651, de mais um moio de trigo além do que já tinha.

XIX — Fr. ANTONIO DE S. JOSÉ

Religioso da Ordem de Santo Agostinho. D. João V o tomou por organista da sua capella com o ordenado de 40 mil reaes por anno. Alvará de 14 de abril de 1707.

XX — ANTONIO JOSÉ SOARES

Natural de Lisboa. Falleceu em 9 de março de 1865, tendo 72 annos de idade. Foi organista da capella real, segundo diz o sr. Ernesto Vieira no artigo que lhe dedica no seu *Diccionario*, e ao qual não se me offerece accrescentar circumstancia nenhuma nova.

XXI — MATHIAS BOSTEN

Como entre os tangedores da capella real incluí tambem alguns constructores de orgãos, parece-me que não será de todo despropositado inscrever aqui o nome de Mathias Bosten, que foi mestre de cravos da real camara nos primeiros annos do seculo passado. Era por certo estrangeiro ou de procedencia extranha. Na Gazeta de Lisboa de 1806 encontramos os dois interessantes annuncios a seu respeito:

« Nos dias 10, 11 e 12 do corrente mez pelas 3 horas da tarde nas casas da rua da Emenda n.º 17 se hade fazer leilão dos moveis que ficarão do fallecido Mathias Bosten, mestre de cravos da real camara, entre os quaes se achão vinte cravos e fortes pianos, principiaados pelo mesmo mestre como tambem a ferramenta e mais pertencas da mesma fabrica, o que tudo se pode

ali vêr nos dias precedentes ao do leilão.»

Isto lê-se no 1.º supplemento ao n.º X4IV. No n.º X4VI (18 de novembro) vem mais este annuncio:

«Na tarde dos dias 24 e 25 do corrente, se hade pôr a larços, para se arrematar na do dia 26, a propriedade de casas da rua da Emenda n.º 17, que foi do fallecido Mathias Bosten, as quaes são livres de todo e qualquer encargo e se podem vêr nos dias precedentes aos dos lanços e da arrematação, a qual se hade fazer nas mesmas casas.»

Additamento

Johanes Burgumão comprou em 1543 um casal em Villa Franca de Xira. Entre as testemunhas apparece um Pero Dias, tangedor de órgãos n'aquella villa. A respectiva escriptura acha-se na torre do Tombo nos documentos da *Colleção especial*.

De Antonio de Cabeçon ha a seguinte obra, editada por seu filho Hernando.

Obras de musica para tecla, harpa, vihuela de Antonio Cabeçon, recopiladas y puestas en cifra por Hernando de Cabeçon, su hijó.
Madrid 1578.

SOUSA VITERBO

OS ORGANISTAS SOLORZANOS

Tenho conhecimento de dois organistas de appellido Solorzano, que floresceram na primeira metade do seculo XVI. Talvez que um fosse descendente do outro, mas não achei nota comprovativa d'esta hypothese, se por acaso alguma relação de parentesco houve entre elles.

O mais antigo, de nome Bento, era antes organeiro, isto é constructor de órgãos, do que tangedor d'elles, o que não exclue a circumstancia de ser uma e outra cousa.

N'uma quitação aos herdeiros de Estevão de Gama, recebedor que fôra do thesouro nos annos de 1505 a 1506, vem mencionada a verba de 7:975 reaes que foram pagos a Bento de Solorzano, organista, *em cumprimento de pago 8:500 reaes, que lhe nós mandamos dar por uns órgãos que nos ha de fazer*

Esta quitação acha-se registada no Livro 9 da Ordem de Santiago folhas, 6, verso — Torre do Tombo.

O outro Solorzano chamava-se Diogo. N'uma ordem de pagamento de 15 de abril de 1538 mandava el-rei D. João 3.º ao thesoureiro de sua caza que desse a Diogo de Solorzano, tangedor, 2:020 reaes, *que lhe*

mandamos dar e que lhe são devidos de tres mezes e meio, que serviu em o nosso mosteiro de Alcobaca, a saber do natal para cá, de que não foi pago segundo pareceo por certidam de Pedro da Videira em que certificava ter pago dous annos e lhe serem ainda devidos os ditos tres mezes e meio.

Diogo de Solorzano recebeu a sobredita quantia em Lisboa, passando o respectivo conhecimento ou recibo a 2 de maio de 1541.

SOUSA VITERBO.



Carta aberta ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Esteves Lisboa

(Continuação)

Constituindo o ar expirado do interno do organismo humano o elemento motor da voz e, pelo modo porque é distribuido, o executor artistico das emoções d'alma, é certo que elle tem fatalmente de occupar um lugar proeminente entre os factores materiaes dos sons musicaes da voz.

Assim, liguei, Ex.^{mo} Sr. Dr., boa importancia a este estudo. E a citação, que fiz, do dr. Mandl e do dr. Cheval que attestam dois factos tão oppostos, indubitavelmente diversos um do outro, dar-se-ha a conhecer que absolutamente não tenho sympathia por este ou aquelle author moderno, menos que se me indique uma fonte limpida em que possa encontrar provas indiscutíveis da maneira de respirar dos antigos mestres.

Se tenho para mim que os antigos Gizzellos (Giovacchino Conti) commandavam a sua voz respirando conforme com este meu conceito, é devido a estas duas fortes razões: 1.ª) foi esta a melhor probabilidade encontrada por mim em bons cantores cujo methodo se ligava e se liga áquelles de distinctos professores do passado; 2.ª) porque, quanto maior fôr a quantidade de ar introduzida violentamente nos pulmões, quanto maior fôr a dilatação violenta de todo o apparelho respiratorio para receber maior volume de ar, tanto menos teem energia para se conservarem por muito tempo distendidos os musculos inspiratorios do tronco do corpo humano. D'este esforço sem proveito, resulta a victoria completa dos musculos adductores e suspensorios que expulsam o ar rapidamente para fóra da bocca, pelo alevantamento dos intestinos, do diafragma e pela contracção das costellas e dos pulmões. como a mão apertando entre os dedos uma esponja, expulsa logo o liquido n'esta contido.

Não sou eu quem nega que alguns Tractados indicam o ponto fatal onde se deve effectuar á força a transição da voz de peito para a da cabeça (entre o *mi* e o *sol*, mas penso que elle só pôde ser acceite na sua real existencia: applicado com successo ás vozes femininas, cujo character particular não prescinda de fazer esta transição de voz entre o *mi* e o *sol* natural da 2.^a linha, clave de *sol*.

Para as masculinas, se bem eu esteja ao facto de que é empregada por alguns artistas (Menotti, por exemplo) e suggerida por bons mestres como Lablanche, todavia requer-se longa explanação, incabível aqui, para mostrar-se que essa transição em questão, na altura musical acima dita, não fazia, presumo eu, parte do ensino vocal dos mestres de outr'ora, salvo se a larynge dos mutilados produzia, devido á cruel operação a que os sujeitavam em tenra idade, os mesmos phenomenos physicos que os das larynges de mulheres. N'este caso, esta altura de passagem de voz de peito para a cabeça, sómente a applicavam os antigos, a essa voz especial d'aquelles infelizes esterilizados.

Aqui, entramos no vasto campo dos registos de voz. Elle é tão largo que de per si occuparia um dos primeiros planos de uma obra na qual mão caridosa tentasse reedificar o methodo de Porpora.

Tambem n'esta questão de registo de voz fiquei na mesma posição em que estou, quanto á respiração no canto.

Não querendo, porém, abusar da paciencia e bondade de V. Ex.^a, deixo de expôr aqui o resultado de minhas pesquisas e narrar-lhe o que se me ficou no espirito, com relação ao intrincado difficil e tão pouco esclarecido systema de cantar esta ou est'outra nota musical, aberta ou fechada, empostada no peito ou na cabeça, abandonada pela vontade ou empostada n'este ou n'aquelle lugar na cavidade oral; e sobre o extremar as terras do registo inferior e os dominios do registo superior.

Mas, não deixo escapar-me a occasião de patentear o meu juizo de que só em presença de um cantor ou cantora, e depois de alguns mezes, se poderá com justiça delimitar os confins dos registos.

Repare-se nos cantores hodiernos, e da sua disparidade de limite de registo de voz se tirarão facilmente elementos certos para se combater a falta de attenção de que parecem estar possuidos certos auctores de methodos de canto, e alguns cantores de pfofissão.

Apresentando a V. Ex.^a as minhas home-

nagens peço-lhe que me tenha no numero dos seus admiradores.

De V. Ex.^a
Venerador Attento

JOSÉ MIRANDA DE LIMA BRAGA.

CONCERTOS

Vae enfraquecendo naturalmente a azafama dos Concertos d'esta primavera, cuja *season* foi, como é notorio, das mais brilhantes que tem havido entre nós.

E' no emtanto a occasião em que muitos collegios e alguns professores particulares fazem apresentação dos seus melhores alumnos — o que não deixa tambem de ter o seu interesse para quem queira acompanhar passo a passo os progressos da nossa arte, na parte que diz respeito á pedagogia musical.

Alem das provas da Academia, cuja importancia como instituto musical ninguem hoje desconhece, deram os professores Colaço, Thimoteo e Bahia varias audições de alumnos, do mais alto interesse. Entre os Collegios organisou o de *Nossa Senhora das Dôres* em 23 d'este mez uma longa *séance*, cujo programma temos á vista e que desejamos suppôr que terá correspondido em qualidade, á prodigiosa quantidade de obras executadas. O escolhido nucleo de professores d'esta casa de ensino são d'isso sobeja garantia.

O *Collegio Inglez* a que nos reportámos no numero anterior tambem deu excellentes provas e para isso basta saber-se que está á testa da sua secção artistica a eminente professora D. Palmyra Mendes.

Fôra d'essas apresentações puramente pedagogicas e que nos conste, não houve n'esta quinzena concerto algum a não ser o que a casa Lambertini offereceu em 26 d'este mez no seu salão grande e que foi todo destinado á audição de obras de Mozart.

Collaboraram gentilmente n'elle os Srs. Antonio Lamas, Arthur da Fonseca, Augusto Gerschey, João Manoel, D. Luiz da Cunha e Menezes, e Severo da Silva, a quem aqui agradecemos effusivamente o seu brilhante concurso.

As obras executadas foram o *Trio em mi bemol*, para piano, oboé e fagote, o *Trio op. 14* — Numero 2 para piano, clarinete,

violeta e o *Quartetto em sol menor* para piano e cordas.

Impede-nos a nossa situação vis a-vis do organisador do concerto, que foi tambem um dos executantes, de entrar em promônes acerca da interpretação que tão illustres artistas imprimiram n'aquella divina musica.

Especialisar qualquer dos executantes ou qualquer dos numeros executados seria um desprimôr. tanto mais que por convicção, se não fôra por devêr, os applaudimos entusiasticamente a todos.

Os nossos collegas diarios tiveram a amabilidade de alludir a esta audição, em termos verdadeiramente lisongeiros para o promotor do concerto e para os distinctos concertistas que souberam traduzir tão inspiradamente as delicadas composições do genial Mozart: só nos cumpre portanto enviar a todos o mais sentido agradecimento.



COLYSEU DOS RECREIOS

Serrana

Com uma enchente colossal realisou-se hontem a primeira audição da *Serrana*, ultima e inspirada composição lyrica do nosso laureado maestro Alfredo Keil. Os applausos foram unanimes ao maestro, ao director d'orchestra Petri, ao ensaiador dos côros, scenographo, aos principaes artistas e ao empresario sr. Antonio Santos, que empregou os maiores esforços para que a opera tivesse cabal desempenho e satisfizesse a todas as exigencias da *mise en scene*.

Os trechos mais applaudidos foram: a canção do vinho; a cantiga ao desafio, que foi repetida e agradou extraordinariamente pelo cunho caracterisadamente portuguez da sua melodia e dos acompanhamentos; o *Pater noster* e o côro de pastores *Eh-lá! Eh-lá!*, ambos repetidos tambem, impressionando muito agradavelmente o côro pelos magnificos efeitos de colorido.

No segundo acto foi applaudido o duetto de soprano e tenor. O arioso de tenor *Perché, dimmi*, assim como a canção da Zabel *Quando il mio sguardo ti vide* não tiveram o acolhimento que de direito lhes pertence, devido á falta d'attenção, que o auditorio lhes prestou. O côro de fiandeiras tambem passou bastante despercebido.

A Sr.^a Emma Petrosky, o tenor Lanfredi e o baixo Walter são os artistas que no desempenho da *Serrana* mais se salientaram. O baritono Modesti, por vezes pouco seguro, tem a desculpal-o a difficuldade de inter-

pretação e entoação das melodias, e com toda a justiça foi applaudido na canção bacchica. E' tambem digno de elogio o tenor Bubé, que na cantiga ao desafio muito se fez notar.

A orchestra foi bem ensaiada e dirigida pelo maestro Petri.

Fazer cantar a *Serrana* não foi empreendimento facil para a empresa do Colyseu, pois é bem conhecida a repugnancia dos artistas em estudar operas que não teem a probabilidade de cantar no estrangeiro. Por isso esses artistas se tornaram merecedores do nosso applauso e do nosso reconhecimento.

27 de junho.

ESTEVES LISBOA.



D. Luísa da Motta Cardoso



Houve já um nosso collega de redacção que n'um bem elaborado artigo se occupou da tão difficil quão incomprehendida Arte de acompanhar provando á saciedade que é mister muito maior somma de conhecimentos theoricos n'este ramo particular da sciencia musical do que no glorioso papel de concertista a solo.

Assim é com effeito e não poucos solistas vemos por ahi apeiados brutalmente do seu pedestal, no momento em que tem de entrar no terreno escorregadio do Acompanhamento.

É como acompanhadora e acompanhadora de primeira lei que se recommenda no campo especial em que a temos de retratar, a esposa do flautista amador, o Dr. Ferreira Cardoso.

E sendo artista de tão fina tempera, que todos os generos poderia abordar com a certeza d'um exito brilhante, quiz retrahir-se em um papel apparentemente secundario, na doce abnegação de concorrer com o seu talento para os triumphos do esposo querido.

Santa e nobre missão.

HAMLET



O REALISMO MUSICAL

A proposito da questão sempre palpitante do realismo na musica, e a pezar de que o systema do nosso jornal seja evitar quanto possivel as transcripções de outras fo. has, não resistimos á satisfação de traduzir um dos ultimos folhetins do *Temps*, firmado pelo illustre critico Pierre Lalo, em que este elevado problema é tratado com a mais alta proficiencia e por forma a interessar sobremaneira os nossos leitores.

*

Ha cerca de tres semanas, em um concerto em que ainda não tive tempo de vos fallar, Madame Marie Olémine acompanhada admiravelmente por M. Cortot, cantou com intelligencia e talento pouco vulgares, umas 25 melodias de Moussorgski, entre as quaes algumas, como a *Guerra* são longos poemas; a *séance* durou tres horas.

Tres horas de musica: um só musico, uma só forma musical, uma só cantora, um só pianista.

E nenhuma monotonia: ninguém teve a impressão de que «era sempre a mesma cousa», apezar de haver todas as razões para suppôr que fosse precisamente esta a impressão dominante.

Isto é unico e não sei se haveria algum mestre do *lied* que pudesse affrontar victoriosamente uma tal prova; não sei mesmo se os proprios Schubert e Schumann. cantados e tocados, durante tres horas, por dois immutaveis interpretes, não acabariam por se tornar monotonos.

Receio mesmo muito do resultado.

Não se segue por isso que se deva preferir Moussorgski a Schumann ou a Schubert o objecto essencial do *lieder* não é fazerem-se ouvir durante tres horas consecutivas.

Mas as qualidades que permitem a estes fazer-se ouvir sem fadiga e renovar sem esforço o interesse e a attenção: aguda sensibilidade, vivacidade expressiva, exactidão immediata, malleavel diversidade, simplicidade e requinte igualmente felizes e de tal ou qual maneira instinctivos da linguagem musical, são de tal modo salientes e excepcionaes, que a obra em que essas qualidades se encontram reunidas distingue-se desde logo de todas as outras.

O musico que creou esta obra tem como primeira preocupação, não a musica propriamente dita, mas o traduzir a sensação, a palavra ou o gesto. Não é bem traducção: é a imitação, a reproducção que seria pre-

ciso dizer-se: é a realidade que elle nos mostra, não um quadro mais ou menos arranjado, transformado ou composto.

Persegue a vida, a verdade directa, *a bout portant*, como elle mesmo diz, notando as inflexões da palavra, o accento da voz, procurando, não attingir a emoção ou a paixão na sua essencia ideal, mas retratal-a nas suas apparencias exteriores e sensiveis.

Sob este ponto de vista não ha nada de mais dissimilhante, de mais affastado, de mais contrario, do que uma melodia de Schumann e uma melodia de Moussorgski.

E' o seu proprio sentimento, o seu proprio sonho que Schumann exprime e as suas melodias são os successivos estados da sua alma; Moussorgski elimina a sua propria individualidade, desaparece, deixa proceder e fallar os seres e as cousas: são as proprias cousas e os seres que se hão de revelar nas suas obras.

Submette tudo a esta inquirição da verdade.

Para attingil-a com mais segurança, para que nenhuma outra forma de sentir ou de vêr se interponha entre elle e o objecto da sua arte, escreve elle mesmo os seus poemas, onde se nota um completo desprendimento da litteratura propriamente dita e onde se accusa antes de tudo a vontade firme de exprimir o mais fielmente possivel o pensamento e a falla dos seus personagens; e é ordinariamente nas obras compostas sobre estes poemas que elle attinge a realidade mais intensa.

A musica de que elle os reveste não se submette a regra alguma; não tem uma forma que exista, *preestabelecida*. como succede geralmente em todos os *lieder* de todos os musicos; não teem outro rythmo senão o que lhe offerece o poema.

Não tem uma linha melodica seguida: tem pequenas phrases breves, palavras, entoações, pinceladas de côr postas como que ao acaso e sem liame apparente; nada de estrophes nem de desenvolvimentos, nada de symetrico ou regular, nada de tradicional.

Nenhuma construcção tonal ou rythmica: compasso constantemente variavel: modulações bruscas, bizarras, surprehendentes: harmonias incertas, mobilíssimas, sem continuidade, como que atiradas aqui e acolá para realçar uma exclamação, sublinhar uma phrase, umas vezes simples e consonantes, depois, de repente e sem sombra de preparação, audaciosa e brutalmente dissonantes.

E esta musica não começa nem acaba. Parte d'um subito impulso, abrupto e imprevisto: para depois, mas sem conclusão, deixando o auditorio em suspenso e no

vago: nem os actos nem os sentimentos dos homens nem os factos da vida tem exordio ou peroração — e aqui trata se justamente de reproduzir o espectáculo da vida.

(Continua)

NOTICIARIO

Do paiz

Real Academia dos Amadores de Musica. Resultado dos exames de violino realizados no dia 23 de junho.

1.º anno — Approvação plena: D. Julia Adelaide Guedes Derouet; D. Celine Marguerite Vosgien; D. Sophia Emilia Correia Mesquita; D. Maria Isabel Gonçalves Valencas; Joaquim Rodrigues Collares Vieira; Pedro Alexandre de Salles Madeira. Distincção: D. Maria de Sant'Anna Braga Santos; Cesar Leiria.

3.º anno — Distincção: Ernesto Alberto Zenoglio.

Exames de violino, no dia 26.

4.º anno — Approvação plena: D. Joaquina da Conceição Macedo Russell; D. Esther Leão Martin; Liberato Eugenio Sá Viana Brandão.

Distincção: D. Isabel Raphaela Barbosa da Silva Casqueiro; D. Beatriz Noemia Sá Vianna Brandão; D. Camilla de Jesus Fernandes Casaes de la Rosa; José Maria de Oliveira Ferreira.

5.º anno — Com distincção: D. Margarida Narciza Fernanda Casaes de la Rosa; D. Eugenia Braulio Crespo; Mauricio Armando Martins Costa. Com louvor: D. Luiza Coelho de Campos.

Exames especiaes de piano no dia 27; alumnas cegas, leccionadas pelo professor Ernesto Vieira.

3.º anno — Com distincção: D. Palmira da Conceição Antunes

4.º anno — Com distincção: D. Luzia Guimarães.

O maestro D. Andrés Goni partiu a 27 para S. Sebastian conforme o costume, afim de começar os concertos de verão no *Gran Casino* d'aquella cidade.

Agradecemos-lhe a amabilidade da visita de despedida.

Temos novamente entre nós o notavel violinista amator Cecil Mackee.

Infelizmente por pouco tempo; seis semanas só, ao que parece.

O Conselho escolar do Conservatorio approvou já as peças de musica que devem fazer parte do curso geral de piano no proximo anno lectivo de 1901-1902.

São as seguintes:

1.º ANNO — Sonatina, op. 36 — N.º 5 — *Clementi*.

2.º ANNO — Sonatina, op. 49 — N.º 2 — *Beethoven*.

3.º ANNO — Toccata em lá — *Paradies*.

4.º ANNO — Sonata em sol maior — *Mozart*.

5.º ANNO — Impromptu, op. 142 — N.º 1 — *Schubert*.

Tambem já estão oficialmente escolhidas as peças que no corrente anno teem de servir para a admissão ao curso superior e para os concursos finais do 5.º anno do Curso geral e do 3.º anno do curso superior. São respectivamente as seguintes:

Mendelssohn, op. 7 — N.ºs 1 e 2.

Brahms, op. 117 — N.º 1.

Chopin — Berceuse.

Nos jornaes portuenses e particularmente no *Primeiro de Janeiro* vemos palavras do mais rasgado elogio ao violinista Nicolino Milano, maestro director da Companhia Taveira.

A sua festa artistica, que teve logar ha poucos dias foi, ao que parece, brilhantissima, merecendo uma delirante ovação as obras de violino que apresentou o novel concertista.

Tocou entre outras, a *Masurka* de Wieniawski, a *Berceuse* de Fauré, a *Danse des Ondes* de Hubay e uma *Zamacueca* de sua propria composição, que foi bisada.

Vão-se lembrando um pouco mais do nosso paiz os musicographos estrangeiros e todos aquelles que lá fóra se occupam da historia musical contemporanea.

Ainda não ha muito publicava o eminente escriptor francez Alberto de Soubies um volume exclusivamente dedicado ao Portugal artistico e o illustre investigador Laurent Grillet, tambem francez, destinava um larço capitulo da sua excellente obra *Le violon et ses ancêtres* á historia dos violeiros portuuezes.

Infelizmente tanto um como outro foram com certeza victimas de informadores de duvidosa probidade artistica; especialmente o primeiro tem imperdoaveis ommissões e a cada passo transparece a má fé ou a absoluta inepcia d'um collaborador anonymo.

Na obra de Grillet tambem houve com

certeza um *espírito santo de orelha* que lá deixou bem marcado o sello da ignorancia.

Brevemente teremos outra obra litterario-musical que destinará uma desenvolvida dissertação ás cousas artisticas do nosso paiz e em que esperamos vêr restabelecida a verdade da nossa pequena historia musical e destruidos os erros mais que grosseiros em que principalmente o volume de Albert Soubies, para não fallar senão das publicações recentes, tem feito incorrer os nossos apreciadores e criticos no estrangeiro.

E temos essa esperanza porque o auctor d'este novo trabalho encyclopedico-musical, o douto professor belga Charles de Bergmans, que tem um entranhado amôr pelas cousas portuguezas, vem seguindo desde longa data o nosso movimento artistico e acompanha, com interesse raro em estrangeiros, todas as evoluções porque vae vagarosamente passando a nossa arte musical, detendo-se a estudal-as com mais apego do que os taes informadores officiosos, cujo unico intuito, se algum ha, é o de servir os seus interesses e os dos seus amigos.

O erudito publicista teve a gentileza, muito para agradecer, de nos confiar algumas paginas do seu original. Como nos dizem respeito alguns periodos que nos são sobretudo agradaveis, pedimos licença para, com a devida venia, os transcrever.

«... Les arts n'ont jamais pu se mettre, en Portugal, à la hauteur des sciences et des lettres et quoique le pays soit à proximité de l'Espagne, une grande distance sépare les deux peuples dans le domaine de l'art.

Le *Arte Musical*, journal musical bi-mensuel publié à Lisbonne depuis le commencement de 1899, donne beaucoup de renseignements sur la musique de son pays; il expose les efforts que l'on y fait surtout pour développer la culture de la musique de chambre. On commence aussi à réaliser l'idée d'organiser, en différents parties du pays, des sociétés orpheoniques qui auraient pour but de faire apprécier les chants populaires.

Le Portugal revendique un grand nombre de musiciens savants et féconds dans tous les genres, comme on peut s'en convaincre en parcourant le *Dictionnaire biographique* publié comme supplément par le *Arte Musical*...

Fazemos votos para que quanto antes se faça a publicação de tão interessante trabalho.

Do estrangeiro

O concelho municipal de Marselha, a cujo cargo está o Conservatorio da mesma cida-

de, ordenou que as provas dos concursos de piano das alumnas fossem dadas n'uma sala e o jury estivesse n'outra, de modo que não visse as concorrentes, afim de não se deixar influenciar pelas vantagens physicas e só attendessem ás qualidades artisticas.

O jury, surprehendido por esta ordem no momento em que ia entrar em funcções, protestou indignado e retirou-se.

Houve quem aventasse a idéa de todas as alumnas se apresentarem com uma mascara no rosto.



BIBLIOGRAPHIA

Da typographia da Academia Real das Sciencias acaba de sahir mais um producto dos longos e pacientes trabalhos do nosso illustre collaborador e bom amigo, o doutor Sousa Viterbo. Intitula-se: «A Livraria Real especialmente no reinado de D. Manuel.»

Contém preciosas noticias ineditas sobre as riquezas bibliographicas que os nossos antigos reis possuíam, noticias extrahidas de copiosos documentos existentes na Torre do Tombo. Entre esses documentos figuram o inventario do Thesouro de D. Manuel, cuja reproducção da parte bibliographica é curiosissima; outro inventario dos livros pertencentes a D. João III que se achavam no paço de Evora; o livro de despezas da rainha D. Catharina, esposa do precedente monarcha, e o livro do thesouro da mesma rainha

Um artigo especial é dedicado ao assumpto dos «Livros de Horas», de que a nossa Bibliotheca Nacional possui bellissimos exemplares.

Entre os documentos, integralmente reproduzidos, com que fecha este novo trabalho do sr. Sousa Viterbo, figuram dois relativos á livraria de musica de D. João IV, dos quaes me aproveitarei, com a devida licença, no Supplemento ao Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes, em via de conclusão.

Emfim, o livro do illustre bibliographo é mais um precioso elemento para a historia da bibliographia e um producto de trabalho cuja paciencia e dispendio de tempo mal se poderá calcular para se dar todo o apreço devido ao modesto e laborioso investigador.

Os meus agradecimentos pelo exemplar offerecido vão de envolta com os testemunhos de admiracão por quem tanto e tão proveitosamente tem trabalhado.

E. VIEIRA.